

## CAP. 12

# A SALA DE AULA

A escola no dia-a-dia é, em primeiro lugar e antes de qualquer outra coisa, a sala de aula – o centro do rector escolar, o lugar onde se arquitectam as dificuldades dos alunos e onde elas se devem resolver para que se possa construir uma relação positiva com o liceu profissional.

A sala de aula é o saber – ou, de forma mais ampla, a “aprendizagem”. O mínimo que se pode dizer é que algumas das afirmações destes jovens surpreendem: a poesia, é para aqueles que querem ser poetas no futuro e a história fala de coisas que eu não posso comprovar uma vez que não estava lá. No LP até existem alunos que não suportam as oficinas.

Nas aulas aprendem-se muitas coisas e há algumas coisas que nunca iremos fazer, por isso não percebo porque é que as aprendemos, não serve de nada. [P.: Não são interessantes por si só?] Não é interessante para quem já sabe o que quer fazer depois e estudar isto que não tem nada a ver é uma estupidez. [P.: E a poesia?] Só é útil para quem quiser ser poeta. (*Ra.*, bac pro 1 MSMA, E6)

Não gosto de História porque fala do passado, por isso não me interessa muito visto que eu não tinha nascido e porque não sei se é de facto verdade ou não. (*Ra.*, BEP1 contabilidade, E186)

A mim o que me desmoraliza é a oficina, não gosto. Por mim não iria à oficina, passaria o tempo todo na escola. (*Ra.*, CAP3 construção metálica, E125; este é o aluno, já nosso conhecido, que na realidade queria ser cozinheiro)

A sala de aula é o saber mas também os professores. Em relação a estes professores, os alunos emitem julgamentos que vão da raiva pura e simples à total aprovação.

Há elogios sem reservas e outros que se fazem acompanhar de uma restrição mortal.

Os meus profs. são simpáticos. Se temos um problema eles ajudam-nos, se não percebemos alguma coisa vamos ter com eles fora das aulas e eles explicam-nos. (*Ra.*, BEP2 contabilidade, E87)

De uma forma geral são porreiros, salvo quando um aluno tem dificuldades, ele é posto de lado e só ensinam os bons. (*Ra.*, BEP2 electrotécnica, E36)

Existem alunos que consideram que os professores são uns cães racistas (E109) e outros que são mais cuidadosos na condenação, ou mais ambivalentes.

Há profs. com os quais se pode conversar e há outros que não vale a pena, mais vale conversar com uma vaca (...) Todos os dias dou uma olhadela no quadro dos professores ausentes. Eles são feitos de

betão armado e quanto menos gostamos deles, menos eles ficam doentes com frequência (...) Há uns que são porreiros e outros que são maus, como no *collège* (...), às vezes temos mesmo a impressão de não estar numa sala de aula. (Ra., BEP2 secretariado, E99)

Finalmente, a sala de aula são os colegas. Mas atenção, não se deve confundir o colega de turma com o verdadeiro amigo, o do bairro social. Longe de ser o lugar da solidariedade exclusiva juvenil face à instituição escolar (também é, pelo menos em determinados momentos), a sala de aula é perpassada por várias rupturas, fontes de conflitos entre os alunos.

A sala de aula-saber, a sala de aula-professores, a sala de aula-colegas: dissociáveis em relação à análise, estas três dimensões estão estreitamente ligadas nos factos. Começarei por isso por evocar dois casos onde esses laços surgem de forma evidente, depois retomarei a análise ponto por ponto.

### **1. Sébastien: eu não presto atenção porque já percebi. Yoan: eu não presto atenção porque não percebo**

Sébastien, escolarizado no 4<sup>e</sup> *technologique* industrial num liceu profissional, está muito próximo do ideal-tipo do aluno para quem só existe tarefas e não saber. Para ele, compreender é saber executar os exercícios solicitados. De igual forma, a partir do momento que se percebe o que é preciso fazer não é necessário “dar-se cabo da cabeça para ir mais longe”.

[No 6<sup>e</sup>] Tive uma súbita vontade de trabalhar, e estudar era mais difícil. [P.: Para ti o que é que significa aprender?] É difícil. É ler durante horas, tentar memorizar, tarefa muito difícil. À parte disso tudo bem. Mas quando memorizo, memorizo (...) A partir do momento em que entra na cabeça, aí percebo bem. [P.: Então que é que significa compreender?] Significa saber fazer, saber responder às perguntas e exercícios exigidos (...) Porque é preciso saber fazer, é preciso aprender e depois para trabalhar é preciso ter diplomas e estes diplomas não se obtêm da forma como queremos, não fazendo nada (...) Eu ouço o que os professores dizem mas como durante as aulas eu estou armado em mariola (...) Converso com os colegas, depois rimo-nos, às vezes vemos bandas desenhadas, é raro, depois rimo-nos, dizemos parvoíces. [P.: Mas porque é que não estão atentos?] Porque achamos que já percebemos o que ele quer explicar e quando já percebemos divertimo-nos e quando não percebemos aí estamos atentos (...). [P.: E não tens vontade de tentar perceber um pouco mais?] Não, quando percebo alguma coisa não tenho vontade de compreender mais. Percebi aquilo que era suposto perceber e é só. Não estou para me chatear mais. (E197)

Aprender significa ler durante horas, para memorizar, para saber fazer os exercícios e responder às perguntas, o que permitirá obter os diplomas e um trabalho: tudo acontece como se Sébastien não conhecesse outra coisa para lá da tarefa, da actividade exterior, sem que vá um pouco mais além nesta tarefa a nível intelectual. Sébastien em-

prega a palavra *compreender* e é difícil pensar que este termo não implique um mínimo de actividade intelectual "interior". Contudo, é sempre em referência a uma actividade descrita pelas suas características exteriores que Sébastien fala de trabalho escolar. Estar atento,

é ouvir o prof., olhar para ele, ver as explicações que este dá, tirar apontamentos, colocar dúvidas. [Reflectir significa] pensar naquilo que é preciso fazer. [O Inglês] é uma aula de repetição (...) aprende-se qualquer coisa na segunda-feira, na terça-feira é posta em prática, quarta-feira não há aula, na quinta-feira faz-se exercícios e na sexta-feira faz-se um teste; para saber se se aprendeu a matéria. [Um exercício correcto a Matemática] é fazer um traço com uma régua, destacar os resultados a cores, sublinhar o número e a página do exercício, ter o seu caderno e livro. [Ele explica igualmente] No *collège* e no liceu colocam-nos muitas perguntas e é preciso responder rápido e bem, mesmo que não esteja correcto não faz mal, mas mais vale que estejam correctas.

A partir deste momento, não é surpreendente que os saberes ensinados na escola não pareçam, ao olhos de Sébastien, ser dotados de um estatuto especial. "As bases", isto é, o Inglês, o Francês e a Matemática, "são as disciplinas essenciais da vida". Inversamente, o que se aprende na escola pode aprender-se em outro lugar, embora demore mais tempo: "Se não formos à escola podemos aprender na mesma mas demorará mais tempo".

O Sébastien parece estar bloqueado numa lógica da tarefa e das explicações necessárias para realizar esta tarefa, como se no horizonte do acto de aprendizagem não houvesse objecto de saber. O caso de Yoan, do qual agora vou falar, é mais complexo: ele sente que "compreender" é uma actividade de uma natureza específica mas esta actividade passa-lhe ao lado. Nem Sébastien, nem Yoan compreendem mas o Sébastien acredita ter percebido o que devia compreender (e por isso não presta atenção), enquanto Yoan pensa que de qualquer forma não compreenderá (e por isso não presta atenção).

Nós já conhecemos o Yoan (E137). Ele tem 16 anos, é filho de porteiros de um bairro social e está matriculado no 3<sup>e</sup> *technologique*<sup>152</sup>. Ele "tem medo dos profs.", déspotas que ele compara aos políticos e aos polícias: "eles acham-se superiores", "eles querem saber tudo". É evidente que Yoan tem um problema relacional com os professores mas não se pode perceber o problema, nem tratá-lo se não se analisar a dimensão epistémica. Em primeiro lugar, é a situação escolar enquanto situação de aprendizagem que não faz sentido para Yoan – e, ao que parece, nunca fez.

Na escola, num certo sentido, divertimo-nos e aprendemos (...) Levanto-me de manhã, estou bastante bem-disposto por encontrar todos os colegas (...) O que me irrita é estudar, não gosto [P.: O que é que quer dizer para ti estudar?] Não é o facto de ir à escola, tirar apontamentos e voltar para casa ao fim

<sup>152</sup> O Yoan frequenta o 3<sup>e</sup> *technologique* num *collège*, mas eu recorde aqui o seu caso porque ele demonstra bem quais são as dificuldades epistémicas em que esbarram os alunos que frequentam, ou frequentarão em breve, no LP.

da tarde, é ir às aulas, prestar atenção. Quando chegamos a casa, memorizar o que nos foi ensinado. É isso o mais difícil... memorizar. Mas para mim, estudar quer dizer aprender as lições, ter boas notas. Aprender não é tudo, é preciso aprender e depois compreender ao mesmo tempo e eu não consigo fazer as duas coisas ao mesmo tempo, não consigo (...) Na escola, eu não presto muita atenção, divirto-me nas aulas com os colegas, conversamos e tudo... (...) Quando abro os meus cadernos tenho de estudar as lições e isso é raro... E depois se tiver estudado uma lição não sou capaz de a compreender porque não a segui com atenção, porque não ouvi o que era necessário fazer. Tenho que fazer um exercício, eu faço-o mas não o compreendo e no dia do teste eu vou simplesmente copiar e não consigo ter boas notas por causa disso. Se eu prestasse atenção não iria compreender, por isso não sei... não consigo (...) Porque eu sou assim em frente à prof., por isso calo-me, mas há sempre colegas que falam e colocam dúvidas, então de repente deixas de ouvir, prestas atenção ao colega que está a falar e depois ouço a prof., depois não percebo tudo o que ela nos explicou. Prestei atenção, memorizei um determinado nome mas não compreendi exactamente o que isso quer dizer... Eu pessoalmente não compreendo a matéria (...) há cinco anos que ando no *collège* e nunca percebi nada e as lições mesmo que as aprenda, simplesmente as transcreva, não consigo perceber e não sei porquê (...) transcrevo-as simplesmente e se me pedirem para explicar eu não saberei dizer nada porque eu não percebi... Vou dizer muito simplesmente o que ouvi... É por isso que não presto atenção nas aulas, porque não percebo nada, então não serve de nada ouvir e recitar o que se ouviu.

Tentemos reconstituir o processo de aprendizagem como o Yoan o concebe (implicitamente). Para ele, o que significa aprender? Em primeiro lugar, ouvir o professor. Depois, copiar a lição (e sem dúvida tirar apontamentos) para guardar uma prova do que foi dito pelo professor. Por fim, memorizar (apropriar-se das palavras da professora através da prova escrita que ela deixou). Em seguida, poder-se-á desta forma repetir (oralmente ou por escrito) e assim ter uma boa nota. Em suma, aprender é reconstituir o que foi dito, passando pelo escrito, de forma simples ou dupla (tirar apontamentos, teste). Mas se não se percebeu o que foi ensinado, esta reconstituição cai por terra face ao mínimo pedido de explanação.

Este processo, no Yoan, encontra vários obstáculos.

Em primeiro lugar, é preciso prestar atenção. Não é fácil já que este acto supõe não rir, nem conversar com os colegas – logo sacrificar, pelo menos parcial e temporariamente, os colegas.

Em segundo lugar, mesmo se se prestar atenção isso não é suficiente: também é preciso compreender. Ora, parece que para Yoan compreender exige que se ouça *tudo*, que se siga o professor passo a passo. Além disso, mesmo que se preste a atenção a tudo não quer dizer obrigatoriamente que se compreenda.

Em terceiro lugar, é preciso memorizar, o que é difícil. Mas isso ainda não é suficiente: é preciso ser capaz de explicar o que se reteve, o que se torna impossível quando não se compreendeu.

Alguns destes obstáculos podem ser ultrapassados: o Yoan poderia, com um esforço e mesmo não sendo fácil, reconstituir o enunciado do professor (ouvir-memorizar-repetir).

da tarde, é ir às aulas, prestar atenção. Quando chegamos a casa, memorizar o que nos foi ensinado. É isso o mais difícil... memorizar. Mas para mim, estudar quer dizer aprender as lições, ter boas notas. Aprender não é tudo, é preciso aprender e depois compreender ao mesmo tempo e eu não consigo fazer as duas coisas ao mesmo tempo, não consigo (...) Na escola, eu não presto muita atenção, divirto-me nas aulas com os colegas, conversamos e tudo... (...) Quando abro os meus cadernos tenho de estudar as lições e isso é raro... E depois se tiver estudado uma lição não sou capaz de a compreender porque não a segui com atenção, porque não ouvi o que era necessário fazer. Tenho que fazer um exercício, eu faço-o mas não o compreendo e no dia do teste eu vou simplesmente copiar e não consigo ter boas notas por causa disso. Se eu prestasse atenção não iria compreender, por isso não sei... não consigo (...) Porque eu sou assim em frente à prof., por isso calo-me, mas há sempre colegas que falam e colocam dúvidas, então de repente deixas de ouvir, prestas atenção ao colega que está a falar e depois ouço a prof., depois não percebo tudo o que ela nos explicou. Prestei atenção, memorizei um determinado nome mas não compreendi exactamente o que isso quer dizer... Eu pessoalmente não compreendo a matéria (...) há cinco anos que ando no *collège* e nunca percebi nada e as lições mesmo que as aprenda, simplesmente as transcreva, não consigo perceber e não sei porquê (...) transcrevo-as simplesmente e se me pedirem para explicar eu não saberei dizer nada porque eu não percebi... Vou dizer muito simplesmente o que ouvi... É por isso que não presto atenção nas aulas, porque não percebo nada, então não serve de nada ouvir e recitar o que se ouviu.

Tentemos reconstituir o processo de aprendizagem como o Yoan o concebe (implicitamente). Para ele, o que significa aprender? Em primeiro lugar, ouvir o professor. Depois, copiar a lição (e sem dúvida tirar apontamentos) para guardar uma prova do que foi dito pelo professor. Por fim, memorizar (apropriar-se das palavras da professora através da prova escrita que ela deixou). Em seguida, poder-se-á desta forma repetir (oralmente ou por escrito) e assim ter uma boa nota. Em suma, aprender é reconstituir o que foi dito, passando pelo escrito, de forma simples ou dupla (tirar apontamentos, teste). Mas se não se percebeu o que foi ensinado, esta reconstituição cai por terra face ao mínimo pedido de explanação.

Este processo, no Yoan, encontra vários obstáculos.

Em primeiro lugar, é preciso prestar atenção. Não é fácil já que este acto supõe não rir, nem conversar com os colegas – logo sacrificar, pelo menos parcial e temporariamente, os colegas.

Em segundo lugar, mesmo se se prestar atenção isso não é suficiente: também é preciso compreender. Ora, parece que para Yoan compreender exige que se ouça *tudo*, que se siga o professor passo a passo. Além disso, mesmo que se preste a atenção a tudo não quer dizer obrigatoriamente que se compreenda.

Em terceiro lugar, é preciso memorizar, o que é difícil. Mas isso ainda não é suficiente: é preciso ser capaz de explicar o que se reteve, o que se torna impossível quando não se compreendeu.

Alguns destes obstáculos podem ser ultrapassados: o Yoan poderia, com um esforço e mesmo não sendo fácil, reconstituir o enunciado do professor (ouvir-memorizar-repetir).

Em contrapartida, ele não consegue explicar por palavras suas o que o professor explicou, porque não percebeu<sup>153</sup>. A partir de então de que serve prestar atenção se a instituição não fica satisfeita com o facto de o aluno repetir e se ela exige que ele tenha compreendido e volte a explicar?

Este impasse epistémico origina evidentemente efeitos relacionais. Os colegas estão ainda mais no centro deste universo escolar quando, neste universo, são a única fonte de satisfação possível – mas então torna-se ainda mais difícil prestar atenção ao que diz o professor. Por outro lado, estão reunidas todas as condições para um afrontamento entre o Yoan e os professores.

Observemos a situação à luz da lógica de Yoan. Se o Yoan não percebe, o professor está lá apesar de tudo para alguma coisa – se ele explicasse melhor talvez o Yoan percebesse quando prestasse atenção. Contudo, o Yoan está atormentado com uma dúvida sobre o seu próprio valor: não consigo, não sei porquê. Esta misteriosa impotência para perceber é para Yoan uma fonte de sofrimento. Ora, ela é lhe atirada à cara consecutivamente pelos professores (“eles dizem-nos que somos mongolóides, que temos que ir ao psicólogo”), o que alimenta e aviva o sofrimento e constitui igualmente uma insuportável pretensão dos professores ao negar qualquer responsabilidade nas dificuldades escolares de Yoan e ao apresentarem-se a si próprios como se estivessem acima do lote comum. Os professores, os polícias, os políticos: três espécies de indivíduos que querem saber tudo, que não respeitam nada, que se afirmam acima dos outros através da força ou da manipulação.

Observemos agora a situação à luz da lógica dos professores: Yoan não presta atenção nas aulas, não faz os seus trabalhos de casa, se ele não consegue é evidentemente da sua responsabilidade e o professor tem legitimidade total para lhe fazer críticas. Mas porque é que Yoan prestaria atenção nas aulas se de qualquer forma ele não percebe e como é que ele poderia fazer os exercícios se a lição não está transcrita – e embora a lição esteja transcrita ele não sabe o que é preciso fazer e não consegue compreender? Etc.

Como é que se pode sair deste círculo vicioso? Melhorando as relações entre o Yoan e os professores através de uma melhor gestão do plano “afectivo”? Mas não é o afectivo que aqui está em causa, embora a situação gere evidentemente efeitos de ordem afectiva. Existe aqui um conjunto de relações – com os amigos, os professores, consigo próprio – a funcionar num sistema de sacrifícios e compensações que está encravado. Este sistema para Yoan só gera sofrimento e humilhação, nunca prazer. Reparar este sistema não passa por mandar o Yoan ao psicólogo (pelo menos não passa só por aí), não passa por reunir informações sobre a vida pessoal de Yoan e a sua família (os profs. são como os políticos, querem saber tudo<sup>154</sup>), passa em primeiro lugar e antes de qualquer coisa

<sup>153</sup> Remeto aqui, e de maneira geral para todo este capítulo, para a secção do capítulo VI onde apresentei um “modelo epistémico”.

<sup>154</sup> “Eles querem saber tudo... Não se pode esconder nada (...) Se temos problemas, com a família, eles querem saber tudo quando precisamente é algo pessoal e eles vão contar a toda a gente... Não podemos... Toda a gente fica a saber na escola.”

por tentar com que Yoan penetre nesta actividade intelectual complexa que se chama “compreender”.

O Yoan e o Sébastien confrontam-se com uma dificuldade epistémica, presente em muitos alunos de liceu profissional. Eles podem, fazendo um grande esforço, memorizar o que o professor explica. Mas a instituição escolar exige mais, ela exige que o aluno *compreenda*. Ora, compreender é uma actividade que para eles é bastante misteriosa. Uma coisa é certa: “compreender”, tem uma ligação com “ser capaz de responder às perguntas que vos são colocadas e fazer os exercícios exigidos”. Alguns (como Sébastien) parecem considerar que “ser capaz de responder” e “compreender” é exactamente a mesma coisa. Outros (como Yoan) pressentem que “compreender” é outra coisa, que *permite* responder, mas eles não conseguem concretizá-la, nem sequer saber bem do que se trata.

Esta dificuldade epistémica tem efeitos no campo do saber mas também no campo das relações: o aluno não presta atenção (porque acha que já percebeu ou está de qualquer forma incapaz de perceber), diverte-se com os seus camaradas, entra em conflito com os professores. No horizonte da sala de aula enquanto espaço social encontra-se a questão do saber – problema esquecido com frequência pela Sociologia da Educação.

Vamos agora explorar esta lógica da turma, indissociavelmente epistémica, relacional e identitária.

## 2. Os colegas

Os jovens de liceu profissional, como sabemos, conferem uma grande importância à vida relacional. Por isso estaríamos à espera de encontrar um grupo/classe muito unido, sólido face à instituição escolar e aos professores. De facto, não é nada assim: no seu discurso, a turma surge como um grupo social de fraca coerência.

Em primeiro lugar, há colegas e colegas – para ser ainda mais exacto, colegas de turma, amigos (os do bairro) e verdadeiros amigos (subgrupo do precedente). Por exemplo, as “asneiras” que se fazem com uns e com outros não são as mesmas: com os colegas de turma, deliram e riem-se; mais grave (eventualmente) é com os amigos.

Na realidade, nem todas são minhas amigas, são raparigas que também estão na mesma turma que eu. (Ra., BEP1 contabilidade, E74)

São sobretudo colegas de escola e depois, fora dela, praticamente não nos conhecemos. (Ra., *hoc pro* 2 vendas, comércio, serviços, E112)

Os amigos não é nas aulas que eu os encontro. São pessoas que estão na minha turma, não são amigos. Os amigos são aqueles que tenho fora da escola. Mesmo assim, é porreiro, divertimo-nos. (R., BEP2 electrotecnia, E38)

Não procuro muito fazer amizades com os colegas daqui, para mim não passam de colegas de turma. Não, não saio com eles, não é o meu meio. Tenho amigos de infância, estou sempre com eles. Com estes não partilho muito as mesmas ideias, com os do bairro temos uma maneira de pensar comum.